

Parte 1
RELEITURA CRÍTICA DAS VIAGENS
E DOS DESCOBRIMENTOS

De viagens e redescobertas: *A peregrinação de Barnabé das Índias**

Cibele Imaculada da Silva**

RESUMO

Leitura do romance *A peregrinação de Barnabé das Índias*, de Mário Cláudio, buscando analisar os recursos através dos quais a obra se constrói e o modo como o tema das grandes navegações portuguesas é retratado. O texto procurará refletir sobre a presença das viagens no romance português contemporâneo tanto como resgate de uma memória quanto como forma de construção de um novo olhar, que (re)descobre a nação lusitana.

A produção literária portuguesa contemporânea muito tem se ocupado das viagens, das grandes navegações, tomando-as como tema e lançando sobre elas novo olhar, mais crítico, mais atualizado. Tal procedimento justifica-se: reflete a realidade de um país que reconhece perdida a sua dimensão extra-européia, vendo-se confinado às reduzidas dimensões de pequeno retângulo de praia com que a Europa fita o Ocidente. (Cf. Lima, 1996). No resgate de sua história, de sua memória coletiva, Portugal busca os motivos para acreditar em sua subsistência. Assim, faz sentido tematizar as viagens, a colonização, pois elas fazem com que o país luso construa de si uma nova visão: não mais o império português, multirracial e multicontinental, mas a pe-

* Trabalho final do curso "A literatura portuguesa revisita a história", ministrado pela Prof^a Dr^a Lélia Parreira Duarte no Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa da PUC Minas, no 1º semestre de 2000.

** Mestranda em Letras pela PUC Minas.

riferia de uma Europa rica, com tendência a erradicar tudo que não fosse ela própria (Cf. Lima, 1996). O romance português contemporâneo faz pensar sobre o sentido dessas viagens e sua importância para a formação da nação portuguesa; obriga a rever os conceitos de heroísmo e de glória, tão caros aos lusitanos, que por ora sentem necessidade de refletir sobre sua própria cultura e problematizar sua identidade, em princípio já estabelecida.

Um dos caminhos possíveis para empreender essa reflexão via literatura é o romance histórico, que, ao buscar as origens, ao refazer o percurso de volta ao berço, traz à boca de cena o resgate, ou talvez a construção de uma identidade posta em xeque. A escrita de um romance sobre as viagens lusas, por si só, revelaria esse novo olhar, contemporâneo, indagador, crítico, acerca dos grandes feitos do “peito ilustre lusitano”; mas essa escrita, ao se concretizar pela utilização de recursos de ironia, torna-se ainda mais rica, porque desconstrói ideologias e questiona verdades já interiorizadas pela cultura de um modo geral.

Lélia Parreira Duarte informa que os novos romances portugueses apresentam

os desencantos dessa leitura pós-moderna das navegações e dos descobrimentos, elaborando ironicamente tramas textuais desconstrutoras dos pressupostos ideológicos que as fundamentam e questionando esse presente em relação a um passado reall/mitificado, comprovado pela multiplicação das rememorações de glórias supostamente vividas. (Duarte, 2000, p. 18)

É o que faz Mário Cláudio com seu romance **A peregrinação de Barnabé das Índias** (1997), que tematiza a viagem de descoberta do caminho para as Índias: o romance permite entrever as questões relativas à identidade portuguesa e discutir as idéias de descobrimento, glória, autoria, heroísmo, dentre outras, a partir de um diálogo com textos e situações que permeiam o discurso histórico oficial; este texto procurará, então, evidenciar algumas estratégias narrativas a que a obra recorre para se construir e para revelar o olhar irônico com o qual enxerga o tema retratado.

Em **A peregrinação de Barnabé das Índias**, Mário Cláudio dialoga especialmente com Fernão Mendes Pinto e seu **Peregrinação**, de 1614, que apresenta visão diversa dos descobrimentos portugueses e da colonização já na época de sua publicação. **A Peregrinação** de Fernão Mendes Pinto apresenta

um narrador que finge desconhecer a importância do que narra e satiriza o comportamento dos grandes heróis da história portuguesa. É uma narrativa que problematiza as relações de dominação; o escritor dá voz aos povos visitados, ora submissos, ora dominadores, através de um narrador pícaro que, não tendo verdades a contar, entremeia seus relatos com anedotas e piadas, aproximando-os da narrativa oral.

De Fernão Mendes, Mário Cláudio retoma a denúncia irônica e a perspectiva crítica, o que pode ser observado pela caracterização do personagem Barnabé, um judeu ladrão que se torna navegador não por opção, mas pela necessidade provocada por uma doença sexual:

Mediante tão aturada freqüência, e porque lhe não vinha repouso senão dos braços da puta, não tardaria um mês a que não se vingasse o destino, pregando-lhe uma camada de bubões que visível e vertiginosamente alastravam (...). E atirava Barnabé o olhar para o Atlântico que à sua frente se estirava, e pressentia que só dele haveria de lhe resultar a purificação da carne conspurcada, e que no vento respiraria a saúde, e que no horizonte se situaria a redenção. O incalável desejo de abalar apoderara-se-lhe das vísceras, e doía-se de prosseguir chafurdando no lodo dos seres que se acumulavam, e que emergia de uma cópula monstruosa em que os membros se entreteciam (...). (Cláudio, 1997, p. 82-86).

Assim, pela verificação dos motivos que levam o personagem central a empreender viagem – motivos que, além de pessoais, não coletivos, se inscrevem no território das “baixezas humanas” – observamos que este não compartilha com os grandes nomes da história portuguesa o heroísmo e a coragem que os impelem a arriscar a vida para ampliar o império luso e a religião cristã. Aliás, o romance coloca em xeque esse heroísmo e essa coragem dos grandes navegadores a partir da figura de Vasco da Gama, caracterizado como um sujeito medroso, com tendências homossexuais – “conferiam-lhe os pulsos débeis, e agradavam-se do advento de uma difusa feminilidade (...)” (Cláudio, 1997, p. 103) – e enorme vocação para a tragédia e o desequilíbrio:

Reparou na treva de que se cingia Vasco da Gama, tocado por uma como que vocação de tragédia que dava mostras de perpetuamente adiar, e recou-se o mancebo do desequilíbrio daquele jovem que envelhecia (...). (Cláudio, 1997, p. 100)

O romance constrói então uma imagem controvertida do navegador, que somente alcançou o cargo de chefe da expedição às Índias porque traiu o irmão Paulo da Gama, o escolhido do rei. Desse modo, a imagem de Vasco é problematizada na narrativa: ora herói, ora medroso, ora forte, ora traidor – mas humano. Obviamente, isso constitui um recurso de ironia, dentre vários outros, utilizado na elaboração do texto.¹

Os heróis – tanto Vasco quanto Barnabé – são antes de tudo humanos e compõem as duas faces da mesma moeda. Ambos apresentam traços de maior humanidade e menor endeusamento, o que vem na contra-mão do discurso oficial. Ao impor dúvidas sobre o caráter da viagem – busca da terra prometida? Cruzada de fé? – e acerca da identidade do descobridor – o judeu ladrão e doente ou o “herói” Vasco da Gama? –, o romance denuncia os valores nem sempre positivos das conquistas (que para difundir uma cultura precisam destruir outras), pois ao humano é permitido o “erro”, mas ao “deus” não, e reelabora a questão da nação e de seus heróis, mostrando que o sujeito só se define a partir do outro. Assim, há que dar voz ao outro, fazê-lo presente e participante da história da nação.

A esse respeito, cumpre destacar a presença de judeus na expedição, pois ela traz à tona a discussão por muito tempo evitada pelos portugueses: a expulsão dos judeus de Portugal, “em nome de valores obsoletos, não ajustados à ativa mercancia do século XV” (Faoro, 1998, p. 61). Tal fato revela a sobrevivência de uma ética medieval “no pensamento dos letrados e da corte, estranhamente contemporânea da aventura ultramarina” (Faoro, 1998, p. 61). O poder do dinheiro, desarticulado da ordem estatal, era visto como perturbador e anormal, não merecendo, portanto, nenhum reconhecimento. Isto explicaria a exclusão dos judeus do corpo da nação portuguesa.

Uma outra estratégia de ironia é a atribuição da responsabilidade pela narração ora a Vasco da Gama, ora a Barnabé, ora a uma 3ª pessoa qualquer, desconhecida. Essa variedade de narradores possibilita a exposição do mesmo

¹ Importa observar que essas informações sobre Vasco da Gama são transmitidas ao leitor em capítulo intitulado “Os loucos”, que trata, dentre outros, da organização da expedição às Índias, bem como da caracterização de seus componentes. Esse procedimento se revela, portanto, mais um recurso de ironia empregado pelo escritor.

assunto – a viagem e seus percalços – por sujeitos distintos, que revelam pontos de vista e interesses também distintos.² Embora tenhamos três narradores no romance, é inegável o privilégio de que desfruta Barnabé, o que é visível já a partir do título e pela quantidade de referências que o texto dedica a esse personagem. A participação de Barnabé como voz narradora e sua inclusão na descoberta do caminho para as Índias permitem incluir também o povo e a tripulação no ato heróico, coletivizando o gesto e relativizando a imagem idealizada das figuras históricas, fragilizadas pela proximidade com as pessoas comuns e transformadas em anti-heróis por um processo de carnavalização, como diria Bakhtin.

Um outro dado que reforça o privilégio concedido a Barnabé na narrativa e obriga a vê-lo como elemento pelo qual a ideologia dominante é questionada, carnavalizada, é sua consagração pela Igreja: o judeu é o modelo de vigário, vai ser o Papa dos católicos, e para isso passa pela experiência do batismo, ritual de afogamento que simboliza o nascimento e a morte. Aliás, a religiosidade associada a Barnabé também pode ser entrevista no título do romance, no qual o componente *peregrinação* atribui à sua viagem caráter religioso ao pressupor purificação, entrada do homem em si mesmo. A passagem citada e a leitura do título permitem indagar sobre o sentido e a intenção da religião no período das grandes navegações, além de evidenciá-la como violência, forma de poder que afoga, destrói culturas outras.

Voltando à questão das múltiplas vozes narrativas no romance, vemos que seu caráter irônico é enfatizado, porque instaura um outro problema: a dificuldade de se definir quem foi o responsável pela descoberta do caminho para as Índias – Vasco da Gama ou Barnabé – e pelo relato da viagem. É comum a polêmica sobre a autoria das grandes descobertas, que em geral é atribuída a quem escreve, a quem as registra pela palavra escrita. Entretanto, no romance de Mário Cláudio esse critério não é suficiente, porque tanto Vasco da Gama quanto Barnabé escrevem – como vimos, eles são também

² Cumpre observar que a ironia, nesse particular, fica ainda mais evidente quando a narração é feita por Barnabé, cuja linguagem, “desbocada”, não corresponde ao ideal de linguagem provocado por um romance que tem por tema a história da descoberta do caminho para as Índias – a seriedade do tema é quebrada pela linguagem e seus jogos.

narradores da trama. Quanto à autoria do relato, nem sempre ela é desejada pelo narrador, pelo menos se este for o representante da classe dominada. No capítulo “As cordas”, cuja condução fica a cargo de Barnabé, encontramos vários exemplos de narração de narrações: “E em Lisboa bastas vezes *ouvira eu falar* daquele grande Preste João, o qual andavam as naus incansavelmente demandando, porque *corria que era cristão (...)*”; “*narrava-me* factos e fenômenos que me não saíam da cabeça (...)” (Cláudio, 1997, p. 146-147, grifo nosso). Assim, ao revelar que narra o que ouviu, Barnabé se destitui da responsabilidade sobre aquilo que narra. Se existe a dificuldade de “dar nome aos bois”, esta parece ser intencional, pois a narrativa não se quer comprometida com verdades acabadas, ao contrário. As dúvidas permanecem, e com elas, a ironia.

A perspectiva irônica e crítica com que o livro é construído é reforçada – ou talvez suavizada, dependendo do ponto de vista – quando o leitor se depara com a velhice dos narradores, que pode, por um lado, metaforizar a falta de glória dos heróis portugueses, e por outro, imprimir confiabilidade aos relatos feitos, uma vez que os signos narração e velhice remetem a sabedoria e a tradição, conforme aponta Walter Benjamin (1993, p.197-221). A velhice dos narradores constitui também uma estratégia de ironia que desestabiliza o leitor, pois o coloca frente a uma situação nova, atípica – o que se sabe sobre Vasco da Gama velho? –, afastando-o de seu papel de mero receptor de idéias pré-concebidas e aprovadas pelo discurso oficial e convidando-o a participar de uma reflexão que interferirá no processo de construção da identidade nacional portuguesa.

Tal como a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, o romance de Mário Cláudio não pretende estabelecer compromissos com a verdade dos fatos em que se inspira, ou dá-la de presente ao leitor; antes, *A peregrinação de Barnabé das Índias* quer desacomodá-lo, retirá-lo do lugar confortável dos saberes prontos e instituídos para fazê-lo viajar em meio à construção da história e do romance em si mesmo, “inacabado”, à espera do olhar crítico e interrogador de quem, peregrinando por suas páginas, possa dar a ele sentidos novos, significações outras.

RÉSUMÉ

Lecture du roman *A peregrinação de Barnabé das Índias* (Lê pèlerinage de Barnabé das Índias), de Mário Cláudio, cherchant d'analyser les ressources à travers lesquelles l'oeuvre se construit et le traitement accordé au thème des grands voyages portugais. Le texte essayera de réfléchir sur le rôle des voyages dans le roman portugais contemporain en tant que récupération d'une mémoire et en tant que forme de construction d'un nouveau regard, qui (re)découvre la nation lusitaine.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento; o contexto de François Rabelais*. São Paulo-Brasília: Hucitec/EdUnb, 1993. Apresentação do problema, p. 1-50.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política; ensaios sobre literatura e história da cultura*. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. O narrador; considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, p. 197-221.
- CLÁUDIO, Mário. *A peregrinação de Barnabé das Índias*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- DUARTE, Lélia Parreira. Outras viagens. In: *Suplemento literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, n. 55, p. 18-19, janeiro de 2000.
- FAORO, Raimundo. *Os donos do poder; formação do patronato brasileiro*. Vol. 1, 13. ed. São Paulo: Globo, 1998. Cap.2: A revolução portuguesa, p. 33-72.
- LIMA, Isabel Pires de. Rememorar e futurar ou a invenção da Pátria. In: *Discursos* n. 13. Lisboa: Universidade Aberta, 1996, p. 135-146.

